

## MÁRIO, JORGE *Marcos Antonio de Moraes*

**Resumo** “Mário, Jorge” busca reconstituir a amizade entre os escritores Mário de Andrade (1893-1945) e Jorge de Lima (1893-1953). As afinidades artísticas e a admiração mútua são documentadas por meio de artigos jornalísticos, dedicatórias em livros, manuscritos literários, fotografias e correspondência pertencentes ao Arquivo Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. **Palavras-chave** Mário de Andrade, Jorge de Lima, biografia.

**Abstract** “Mário, Jorge” intends to reconstitute the existing friendship between Brazilian writers Mário de Andrade (1893-1945) and Jorge de Lima (1893-1953). Their artistic affinities and mutual admiration are documented in newspaper articles, book dedications, literary manuscripts, photographs, and correspondence belonging to the Mário de Andrade Archives, in the Institute for Brazilian Studies of the University of São Paulo. **Keywords** Mário de Andrade, Jorge de Lima, biography.

“[...] você, Mário, é dessas pessoas que a gente tem que levar a sério mesmo, e amar respeitando.” [Carta de Jorge de Lima, 6.8.1929]

“Jorge [...] se vivéssemos na mesma cidade talvez você exercesse na minha vida um papel de anjo. Não digo papel corretivo, mas confortativo” [Carta de Mário de Andrade, 24.12.1933]

### Sururu em Maceió\*

\* Agradeço as sugestões de Telê Ancona Lopez para a elaboração deste artigo. 1 “Mário de Andrade em Maceió” In: SANT’ANA, Moacir Me-deiros de. *Documentário do Modernismo. Alagoas 1922-1931*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1978, p. 97.

A seção “Registro Social” do *Jornal de Alagoas* noticia em 11 de dezembro de 1928: “Pelo *Manaus* passou domingo (9.12.1928) pelo nosso porto o escritor paulista Mário de Andrade que vem gozar suas férias pelo Nordeste” Do turista que, nesse ano, publicara *Macunaíma* e o *Ensaio sobre a música brasileira*, o cronista esboça um perfil intelectual com uma ponta de excentricidade: “Ninguém, neste momento tem sido mais discutido, mais atacado e mais elogiado que este jovem homem de letras. Dele tem se dito tudo: que é um gênio, que é um ‘*blagueur*’ que é apenas um fazedor de tolices” Todavia, o tom desse grifo não assinado revela deferência ao “erudito” ao “homem que trabalha” e que pouco se importa com as críticas feitas a ele. A nota publicada no periódico de Maceió não esquece de reforçar a cortesia devida ao modernista, informando que “ao ilustre viajante os srs. Jorge de Lima e José Lins do Rego ofereceram um almoço com comidas e refrescos da terra”<sup>1</sup>.

Diferente do que informa o cronista social, o sentido de trabalho norteava Mário de Andrade nessa viagem que o deixara, durante um domingo, na capital alagoana, em um dos desembarques do vapor. O bilhete marítimo o levaria ao Rio Grande do Norte para que esse “anti-viajante” — sempre oprimido pela inquietação de abandonar o seu mundo lospeschávico da Barra Funda, fruído entre livros e familiares — lá iniciasse as tarefas de uma “viagem etnográfica” como o próprio Mário a denominaria. O desejo de conhecer as manifestações musicais populares do Nordeste fundamentava um projeto acalentado pelo menos desde março de 1926, quando o escritor confia ao amigo Manuel Bandeira a intenção de conhecer a Bahia, o Recife e o Rio Grande do Norte. Mário, que vinha realizando trabalhos especulativos sobre a expressão musical brasileira, com matéria recebida de amigos, tencionava presenciar as representações folclóricas, as danças dramáticas, as músicas de feitiçaria do Nordeste para que essas experiências lhe dessem embasamento mais sólido para vãos

ensaísticos futuros. Em Natal, Mário era esperado pelo “amigo do coração” Luís da Câmara Cascudo, com quem se correspondia desde 1924. A esse camarada potiguar, em março de 1928, Mário tinha comunicado os planos da viagem, escolhendo lugares e determinando interesses de quem se dispunha “a escutar e registrar coisas e passear [...] e escarafunchar depois o mais possível Rio Grande do Norte e Ceará” Pretendia partir em dezembro, ficando fora de casa até que também pudesse passar “por Pernambuco, visitando o sertão dele e esperando o Carnaval em Recife”<sup>2</sup>.

Antes dessa projetada viagem, porém, lhe sucedera outra, mais extensa, por caminhos outros mais inusitados, uma “bonitíssima duma viagem” “pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia, por Marajó até dizer chega” Mário, entre maio e agosto de 1927, tornara-se o arrimo de uma pequena comitiva da qual participavam a grande dama da aristocracia cafeeira, D. Olívia Guedes Penteadó, senhora ilustre e ilustrada, amiga dos modernistas, sua sobrinha Margarida Guedes Nogueira e a filha de Tarsila do Amaral, Dulce. A vilegiatura, plena de prazeres e descobertas, não suprime para Mário o espaço da pesquisa e da criação. O “Turista Aprendiz” mesmo “nessa pajeação sem conta” descobre tempo para esboçar um “diário” onde a realidade e a ficção se mesclam, bem como para redigir as primeiras notas de um romance que ficará inacabado, *Balança, Trombeta e Battelship*<sup>3</sup> O pesquisador contumaz é sobretudo aquele que anota quadrinhas musicais, grafitos de marujos, descreve os movimentos coreográficos de uma ciranda amazônica e do bumba-meu-boi. Nessa viagem em direção ao Nordeste apenas quicam nos portos de algumas capitais, na ida e na volta. Maceió, na subida, no dia 14 de maio, é vista de longe, “ao largo” quando a embarcação lança âncoras para o desembarque de “um grosso” isto é, um ricoço, e dos malotes postais. O cronista Mário de Andrade apenas conclui, com espanto bem-humorado, o grande desenvolvimento da “literatura epistolar” da terra, em vista da enorme quantidade de volumes que descia.

Jorge de Lima e sua família, segundo Moacir Medeiros de Sant’Ana na *História do Modernismo em Alagoas*, regressava do Rio de Janeiro onde permanecera, desde março de 1927, para acompanhar a edição de seus livros *O mundo do menino impossível* e *Salomão e as mulheres*. Em 11 de maio, ali embarcara no *Pedro I*<sup>4</sup>. Viajava, assim, coincidentemente, com Mário de Andrade! Aproveita a ocasião para oferecer a ele um exemplar de *Salomão e as mulheres*. Esse primeiro encontro, nunca narrado por Mário ou Jorge, apenas se consubstancia na dedicatória do volume editado pela Pongetti carioca: “Mario de Andrade/ Er hatte ein vorzüglichen [sic]/ Auge, aber er war nur/ Auge. Seine Phantasie/

2 Carta a Luís da Câmara Cascudo, 8.3.1928. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Org. Veríssimo de Mello. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, p. 87.

3 Telê Ancona Lopez pôde, a partir dos manuscritos de *Balança, trombeta e battelship*, presentes no Arquivo Mário de Andrade, reconstituir essa narrativa interrompida, de acordo com os pressupostos dos estudos de crítica genética. (*Balança, trombeta e battelship*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1994).

4 Segundo pesquisa de Moacir M. de Sant’Ana, o *Jornal de Alagoas* de 11 de maio de 1927 noticiava o embarque de Jorge de Lima no *Pedro I* no dia anterior (*História do Modernismo em Alagoas*. Maceió: Edufal, 1980, p. 61). Mário, no entanto, data o dia da partida como sendo dia 11. Essa diferença de informação deve se tratar de

engano de Mário ou do periódico alagoano. (*O turista aprendiz*. 2<sup>a</sup> ed. Org. Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 53). Estou propenso a supor um erro jornalístico, já que toda a viagem de Mário foi data- da diariamente.

5 Devo ao Prof. Dr.

Marcus Vinicius Mazzari a tradução dessa dedicatória.

6 “9 de agosto” In: ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Op. cit. p. 193.

7 “Atlântico, 8 de dezembro, 13 horas”. In: ANDRADE, Mário de. Op. cit., p. 214.

8 A ortografia desta e das demais dedicatórias de Jorge de Lima nos livros remetidos a Mário de Andrade foi atualizada neste artigo.

reichte nicht weiter als/ die Wirklichkeit reicht.../ Bordo do Pedro I/ 13.5.1927./ Jorge de Lima” [“Mário/ Ele tinha um olhar primoroso, mas ele era apenas esse olhar. Sua fantasia não ia além dos limites da realidade...”<sup>5</sup>].

No retorno do périplo amazônico, os turistas novamente batem nas praias de Maceió, às quinze horas do 9 de agosto. Desta vez podem pisar a terra alagoana: tomam um barco a vela e em seguida um “auto” No diário d’*O Turista aprendiz*, ficam as impressões um pouco decepcionadas da cidade, mas não da culinária:

Vamos ao Bebedouro, bem no alto, contemplar as alagoas, Butantã de Maceió. Não, o Butantã de Maceió, é o sururu, provado numa tigelada, a bordo, mais sublime do mundo. Que suavidade meiga no açúcarado da carne rija e sadia. Maceió, feiozinha...<sup>6</sup>

Na terceira vez que viu Maceió, em dezembro de 1928, Mário vinha sozinho. Desta feita também, estava apenas de passagem, ainda que o “Registro Social” assegurasse que o escritor manifestara o desejo de conhecer o “sertão” alagoano, no torna viagem para São Paulo. Se no projeto inicial, Alagoas, não fora assinalado com estadias de pesquisa, era, seguramente, ponto de referência. Lá estava, afinal, Jorge de Lima. No Atlântico, o viajante, enfiado de tanto mar, anotava: “Quatro dias pra chegar na Bahia, dois pra ir dela até o poeta Jorge de Lima em Maceió”<sup>7</sup> No final de 1927, o autor de *Paulicéia desvairada* tinha recebido do médico Jorge de Lima os *Poemas*, livro publicado nesse ano, afinado com a estética modernista e com o nacionalismo em voga. Continha a dedicatória que denotava certo distanciamento: “Ao Mário de Andrade/ Jorge de Lima/ 29. 12. 927/ Rua do Comércio 502/ Maceió, Alagoas” Quando, em março de 1928, o carteiro deixa *Essa negra Fulô* na Barra Funda, a tonalidade da aproximação é outra, desvelando um começo de correspondência e seguras afinidades. Texto que realiza ao mesmo tempo o oferecimento e uma mensagem epistolar:

Ao Mário de Andrade, ao/ querido Mário que ouviu de perto/ o ‘Coco do Major’./ Mário, você recebeu os meus/ *Poemas*? Que carta bonita você/ me escreveu. Me escreva mais, Mário!/ Olhe, eu gosto tanto de você! Mande/ encadernar o *Clã*. Escrevi umas coisas sobre o *Clã*./ Seu mano Jorge./ 7.3. 928/ Rua do Comércio 502/ Maceió.<sup>8</sup>

O encontro de Mário e Jorge em Maceió, em 9 de dezembro de 1928 e em 21 de fevereiro de 1929, ficou registrado. A primeira ocasião está fixada no caderninho de notas de Mário — uma agenda de bolso — e na coluna jornalística “O turista aprendiz” no *Diário Nacional* de São Paulo. Ali, a crônica intitulada

“Maceió, 9 de dezembro” na edição de 30 dezembro, traz o retrato lírico da cidade, com seus verdes oceânicos lancinantes, as balaustradas de coqueiros, os passeios por morretes “colhendo sururu na aba das alagoas” e por “estradas de rodagem mansas” O viajante realiza uma leitura epidérmica da cidade, mirando com deleite a natureza, as curiosidades, as cores fortes e as moças bonitas. Deixa a promessa de desvendar Maceió “por dentro” em mais um texto. Nota por hora poucas contradições urbanas. Na arquitetura, que mal divisa em seus passeios, contrapõe o belo renque de velhas casas praieiras a uma curiosa Associação Comercial, construção “intraduzível” decalcada “em grego” Notável mesmo para esse observador apaixonado era a morada nova de Jorge de Lima — “o poeta de negra Fulô” — “pela graça discreta, a ausência de empetecamento e um corpo manso”

“Passeios no domingo esplêndido” escreve Mário em sua cadernetinha. Na crônica, partilha com os leitores a Feira no Fernão Velho, descrevendo-a como mercado de quinquilharias postas no chão, movimentada em seu comprar e vender de “coisinhas mansas, cornimboques, cerâmicas recém-nascidas, frutas, e os guaiamuns do azul mais lindo que jamais não vi” Com a “Codaque” “fotou” a afluência buliçosa do povo, os amigos Jorge de Lima e Lins do Rego de terno de linho branco e bengala; em um outro instantâneo registrou a “Barca de Barro que estavam construindo pra Chegança” Aqui, a objetiva do fotógrafo e o olhar do folclorista se cruzam. Na crônica no *Diário Nacional*, o Turista ensina, a propósito da Barca, que a Nau Catarineta ali dançada por gente simples estendia suas raízes na cultura lusitana do tempo das navegações.

“‘Negra Fulô’ Jorge de Lima, a casa dele, o amigo nosso Lins do Rego, ponche de maracujá, o sururu das alagoas, são tesouros de Maceió” sintetiza o cronista. Tudo somando, passeios, amigos, “almoço bar Alemão”. com o famoso prato da terra e mais ostra e camarão, resultava naquela sensação de plenitude um pouco incômoda: “nem posso respirar” E pouco poderá respirar depois, na faina trabalhosa do pesquisador insaciável, durante os dias que se seguiram à chegada a Natal, mergulhando na coleta de expressões folclóricas musicais no Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Coligira um poder de músicas — “oitocentos” temas —, como contabilizaria parcialmente Mário de Andrade na entrevista a Ernani Braga para o jornal pernambucano *A Província*, em 21 de fevereiro de 1929. Nesse mesmo dia em que a entrevista era divulgada no Recife, a embarcação de Mário de Andrade margeava os trapiches da capital alagoana. Tinha apenas até o meio-dia para rever a cidade e os amigos. Pensava, inicialmente, permanecer um período na terra de Jorge de Lima.

9 Carta de Jorge de Lima a Mário de Andrade, 15.2.1929 (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP, Série Correspondência). Todas as cartas de Jorge de Lima a seguir citadas pertencem ao referido arquivo.

10 “21 — Amanheço [...]” In: ANDRADE, Mário de. Op. cit., p. 369.

Escrevera-lhe, assim, uma carta, postada na Paraíba, pedindo indicações de cantadores e lugares onde pudesse coletar documentação folclórica. A resposta de Jorge, no dia 15 de fevereiro, prometia arregimentar cantadores das proximidades, “apesar do carnaval” época pouco propícia. Sugeriu, entretanto, que o trabalho seria mais profícuo nas localidades do interior.

Você vindo a Maceió eu recomendo você aos meus amigos coronéis do interior. Você vai a União, ao Quitanda, a Atalaia etc. Nem com 3 meses você fará a metade dos cocos. Chegança, reisado etc é com o major Bonifácio que organiza a festa de Bebedouro. Você deve levar o ‘Dá-lhe-toré’ daqui. Aqui as músicas são bem diferentes, parece que mais doces, talvez.<sup>9</sup>

Projeto gorado. No caderninho de bolso, no dia 21, o escritor somente documenta, em linguagem quase telegráfica, a jornada de reencontro, com insistência na enumeração dos petiscos, entre os quais o sururu:

Amanheço em Maceió. Pelas 8 horas me aparecem a bordo Jorge de Lima, Lins do Rego e no trapiche já os 19 anos Aluísio Branco. Visita à Associação Comercial móde ver objetos de feitiçaria das macumbas. Interessantes. Depois visita ao Lavenère que me oferece livros dele. Depois almoço no ‘Restaurante Alemão’, sururu, camarões, ponche de maracujá, salada de frutas. Parto às 12 e estou vogando.<sup>10</sup>

Essa seqüência de eventos ligando os escritores Mário de Andrade e Jorge de Lima entre 1927 e 1929, ricos em elementos definidores da amizade, pouco historia a dimensão das afinidades literárias. Pode-se inferir apenas, pelas dedicatórias nos livros de Jorge de Lima, no acervo da biblioteca de Mário de Andrade, conservada no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, da admiração do poeta alagoano pelo criador de *Macunaíma*. E deste, se recupera, incidentalmente, nas crônicas d’ *O turista aprendiz*, o valor que atribuía ao poema “Essa negra Fulô”

Jorge, que cumprira o “serviço militar obrigatório” do Parnasianismo, publicando os *XIV alexandrinos* que, aliás, lhe haviam dado alguma notoriedade, principalmente com o antológico “O acendedor de lampiões” devia, certamente, nos anos 1920, estar atento à literatura nova que surgia no sul, cujos ecos sempre recolhia em Alagoas. Assim, talvez já conhecesse o nome de Mário de Andrade, sempre incluído na imprensa entre os representantes do grupo modernista paulistano, tomados por muitos como assecas do “futurismo” de Marinetti.

Desde agosto de 1922, os periódicos de Alagoas mencionavam as “novas correntes da poesia contemporânea” No começo, a expressão inovadora foi vista com benevolência, como se percebe na resenha de Carlos Rubens aos *Epigramas irônicos e sentimentais* de Ronald de Carvalho. No texto, o crítico lembra Menotti Del Picchia, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, entre outros, devotados a Graça Aranha, “chefe” desse “supremo movimento estilístico que se caracteriza pelo mais livre e fecundo subjetivismo”<sup>11</sup>. Mas não tardou que os detratores iniciassem a grita e aqueles que haviam surgido como renovadores, tornaram-se “cabotinos sem ou com talento” (Mário, entre eles, lembrava o articulista da seção “Notas e Fatos” do *Jornal de Alagoas*, em 25 de maio de 1926). O “futurismo” era “geringonça” “doença feíssima” “ataque hemorroidal” Era mesmo uma “moléstia” afirma em 1927 um cronista iracundo, doença que — “Deus fosse louvado!” — só conseguira inocular um organismo em Maceió. A flecha era dirigida a Jorge de Lima.<sup>12</sup>

Se o nome de Mário de Andrade aparecia, vez ou outra, na imprensa alagoana depois de 1922, a primeira referência conhecida de Jorge de Lima ao autor de *Losango cáqui*, encontra-se em uma carta a Povina Cavalcanti, redigida em 25 de julho de 1923. Estando no Rio de Janeiro para cuidar da edição do livro *Comédia dos erros*, Jorge dirige-se ao amigo em Maceió e entre as novidades conta: “Meu ideal é ser industrial (futurismo à Mário de Andrade) aí, montar a minha farmácia e explorar alguns produtos farmacêuticos, cujos estudos já comecei”<sup>13</sup> Povina, em *Vida e obra de Jorge de Lima*, analisa a menção circunstancial a Mário como algo “pejorativo” Mas não conteria essa frase a idéia de arrojo do literato que se impunha como atualizado e renovador? Também hoje não se sabe exatamente quando Jorge de Lima teria aderido à estética moderna. Os estudos sobre o assunto, conforme a intenção de aproximar ou afastar Jorge de Lima da Semana de 22, trazem datas que avançam ou recuam nos anos 20. Esfumaçamento de uma definição temporal facilitada, em grande medida, pelo próprio autor de *A túnica inconsútil*, cujo memorialismo possui algo de flutuante na reconstituição do passado. Mas talvez isso pouco importe para este ensaio biográfico preliminar. O que se dirá com segurança é que essa “conversão” não se terá dado por meio do apostolar trabalho epistolográfico de Mário de Andrade que, desde o final de 1924, lançava na correspondência seus pressupostos literários aos quatro cantos do Brasil. “Este Mário é um reproduutor desgraçado. O país inteiro está cheio de rapazes com o seu sangue, com os seus *tics*” graceja simpaticamente José Lins do Rego na imprensa de Maceió, em 1928, ao perceber a influência que o escritor paulista exercia sobre os jo-

11 “Livros que vão sair” (*Jornal de Alagoas*, Maceió, 19.8.1922). In: SANT’ANA, Moacir M. de. *Documentário do Modernismo. Alagoas 1922-1931*. Op. cit., p. 9.  
12 V. *Documentário do Modernismo*. Op. cit.  
13 CAVALCANTI, Povina. *Vida e obra de Jorge de Lima*. Rio de Janeiro: Edições Correio da Manhã, 1969, p. 84.

14 REGO, José Lins do. “A revista *Verde* de Cataguazes” In:

SANT’ANA, Moacir M. de. *Documentário do Modernismo. Alagoas 1922-1931*. Op. cit., p. 41-2.

15 SENA, Homero. “Vida, opiniões e tendências dos escritores” (Revista d’*O Jornal*, Rio de Janeiro, 29.7.1945). Apud. LIMA, Jorge de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 53.

16 ANDRADE, Mário de & BANDEIRA, Manuel. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Org. Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Edusp/IEB, 2001, p. 361.

vens da revista *Verde* de Cataguazes<sup>14</sup>. Talvez a linha de maior força sobre Jorge tenha sido as proposições regionalistas de Gilberto Freyre e Odilon Nestor, em discussão em Pernambuco. Mas, em todo caso, para um escritor sempre preocupado com questões literárias, Jorge soube aproveitar perfeitamente o ecobertário do “futurismo” vindo de São Paulo/Rio de Janeiro, fundindo-o à retomada das raízes regionais, conforme as propostas do Centro Regionalista do Nordeste (1924) que ganhariam relevo no 1º Congresso Regionalista do Nordeste, em Recife, em agosto de 1925. Jorge de Lima não via o movimento modernista como privilégio dos “rapazes de São Paulo” Na entrevista a Homero Sena, em 1945, julgava a renovação artística como algo inevitável, simultâneo em todo o Brasil.<sup>15</sup>

Jorge de Lima recebe o galardão de “modernista” em 1927, quando publica *Poemas* e *O mundo do menino impossível*. Seu nome transcendia a província. Manuel Bandeira, escrevendo a Mário de Andrade, em dezembro desse ano, inseria Jorge entre a “gente feita” da geração de vanguarda, considerando-o um valor literário com o qual era possível debater de igual para igual.<sup>16</sup> O médico-poeta antecipara-se à “oficialização” do Modernismo em Alagoas, demarcada pela Festa da Arte Nova, em 17 de junho de 1928, e pelo aparecimento em setembro do mesmo ano, da primeira revista modernista local, a *Maracanan*, que duraria apenas um número. A poesia de Jorge, evidentemente, compareceu aos dois eventos.

### **Marinho, São Jorge**

Em junho de 1929, quatro meses depois do retorno de Mário à sua cidade, foi a vez de Jorge de Lima vir à Paulicéia. Um pequeno cartão de visita, contendo o nome impresso do médico, anunciava “Estou no Terminus/ Espero você hoje depois de 7 da noite/ 10.6.929” O bilhete apenas pontua o possível reencontro no Hotel Terminus, no centro da cidade, Av. Brigadeiro Tobias, 98. Pela correspondência de Mário com Bandeira, sabe-se ainda que, nessa viagem, Jorge encontrou-se no Rio de Janeiro com o poeta pernambucano e com ele deixou para opinar um manuscrito. Tratava-se, possivelmente, dos *Novos poemas* que viriam a lume logo em seguida pela editora carioca Pimenta Mello.

Pouco antes de se avistarem em São Paulo, Jorge havia recebido uma carta de Mário, agradecendo a oferta do poema “Louvado”<sup>17</sup> e evocando a estadia nas terras alagoanas. Uma carta absorvendo o lirismo da memória:

Esse acaso deslumbrante de morar em Maceió... Em Maceió a gente caminha um bocado e se dependura dos morros sobre as alagoas [...] ah Maceió... Nessa terra nasce coco, olé... Jorge de Lima, não se amole com essa minha franqueza de lembrar.<sup>18</sup>

No manuscrito de “Louvado” Jorge escrevera à margem, um breve recado: “Querido Mário, estou trabalhando pelos seus cocos e pensando em você e querendo bem a você. Do seu mano, Jorge” O envio do poema, a menção aos “cocos” que coletava para a pesquisa do amigo e, depois, a viagem a São Paulo, juntam os ingredientes necessários para o fortalecimento da amizade. A poesia e interesses afins no campo da arte musical popular também propiciam o início de uma correspondência.

As cartas de Jorge de Lima endereçadas a Mário de Andrade, um conjunto de 45 documentos entre mensagens extensas, bilhetes e um cartão de visita, circunscritos entre fevereiro de 1929 e março de 1943, trazem em seu discurso fragmentário, os momentos de aproximação e afinidades, bem como as tensões da amizade. Esses documentos foram cuidadosamente conservados por Mário em seu arquivo pessoal e, depois de sua morte, em 25 de fevereiro de 1945, permaneceram lacrados, assim como toda a correspondência, por cinquenta anos, de acordo com o desejo dele.<sup>19</sup> Em contrapartida, dentre as cartas de Mário endereçadas a Jorge de Lima, poucas são do conhecimento público. Duas, a de 19 de maio de 1929 e a de 24 de dezembro de 1933, foram divulgadas pelo destinatário, em 1948, na *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro. Uma terceira, de 3 de fevereiro de 1929, pode ser lida em *Modernismo & Regionalismo*, livro de Tadeu Rocha<sup>20</sup>.

Assim sendo, dada a impossibilidade de reconstrução integral do diálogo epistolar, apenas se vislumbra nas missivas de Jorge de Lima, em expedita “letra de médico” (poucas vezes de difícil leitura) e em textos geralmente contidos, o espectro de Mário de Andrade. Nessa correspondência delineiam-se dois momentos. No primeiro, que vai de 1929 a 1931, Jorge vivendo em Maceió, discutem projetos de edições e estudos em curso; trocam opiniões sobre as *Modinhas imperiais*, *Remate de males* e a *Revista Nova*, falam sobre expressões musicais populares de Alagoas. Em um segundo momento, Jorge passa a escrever do Rio de Janeiro e a troca de cartas estende-se até 1943.

Em 11 de novembro de 1929, Jorge anuncia um livro de estudos focalizando, em parte, a obra de Mário de Andrade, os *Dois ensaios*, que chegariam à Barra Funda com dedicatória: “Ao Mário,/ irmamente/ com afeto/ Jorge/ 21.11.29” Nesse livro, na segunda parte, “Todos cantam a sua terra...” o en-

17 “Louvado”, datiloscrito original, datado de “Maceió, maio, 1929” (Arquivo Mário de Andrade, Série Manuscrito de Vários Autores, IEB-USP).

18 ANDRADE, Mário de. *71 cartas de Mário de Andrade*. Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. Rio de Janeiro: São José, [1968], p. 120-1.

19 Em 1968, o acervo do arquivo de Mário de Andrade foi transferido para o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Terminado o tempo do interdito da correspondência, em 1995, uma equipe coordenada pela Pro<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Telê Ancona Lopez pôde realizar, através de projetos de pesquisa, a indexação desses documentos na Série Correspondência Mário de Andrade.

20 ROCHA, Tadeu. *Modernismo & Regionalismo*. Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1964, p. 161-2.

Indicação em

SANT'ANA, Moacir M. de. *Jorge de Lima entre o real e o imaginário*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

21 Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, [24 jun.] 1925. In: ANDRADE, Mário de & BANDEIRA, Manuel. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Op. cit., p. 218.

22 "Todos cantam a sua terra..." In: LIMA, Jorge de. *Obra completa*, vol. 1. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958, p. 1032-3.

saísta tenta responder uma questão central no primeiro tempo modernista, o mesmo assunto que Mário vinha debatendo desde 1924 em cartas e artigos jornalísticos: a caracterização de uma literatura original, vincada por um *ethos* brasileiro. Essa idéia consubstanciada no bordão "abrasileirar o Brasil" vale lembrar, Mário sempre a separou do sentimentalismo ingênuo da reivindicação "Brasil para os brasileiros" O ensaio de Jorge de Lima retoma o assunto, indagando "como [...] encontrar a nossa expressão?" e fornecendo uma possível resposta: "o primeiro passo para o achamento é procurar trazer o homem brasileiro à sua realidade étnica, política e religiosa" Em outro passo, Jorge coincide com o pensamento de Mário que, em junho de 1925, dizia a Manuel Bandeira:

[...] só sendo brasileiros isto é adquirindo uma personalidade racial e patriótica (sentido físico) brasileira que nos universalizaremos, pois que então concorreremos com um contingente novo, novo *assemblage* de caracteres psíquicos pro enriquecimento do universal humano.<sup>21</sup>

Em *Dois ensaios* constata-se idêntica perspectiva: "E nós precisamos antes de tudo ser. Só assim interessaríamos aos outros" Jorge escreve o ensaio liberto de retórica e de preconceitos lingüísticos; mergulha, ao desenvolver a sua tese, na história nacional, detendo-se em aspectos da religiosidade brasileira. No campo da literatura, faz um recenseamento crítico das soluções encontradas pelos escritores, desde antes do Romantismo (para ele todas realizações falhadas), culminando na figura de Mário de Andrade. Este que, em *Macunaíma*

deixou falar o seu subconsciente, que é uma parte do subconsciente coletivo do país, conseguiu um bocado enorme da nossa expressão. Escreveu um livro grosso em seis dias. Um raide do subconsciente universal.// O herói deixa de ser portanto o Macunaíma para ser o próprio Mário.<sup>22</sup>

Só não se sabe, entretanto, qual a opinião do autor estudado que, em sua leitura, não deixa comentários ao longo do texto. Apenas anota a lápis, na página de rosto: "Dicionário 113" remetendo, na página indicada, à palavra "saca-buxas" Esse destaque significa que Mário tencionou inserir o vocábulo em seu projetado *Dicionário musical brasileiro* que, não obstante as milhares de fichas coletadas, não pôde ser por ele concluído.<sup>23</sup>

Mário de Andrade conta com o auxílio de Jorge de Lima para elucidar o significado de palavras regionais de cunho musical por ele empregadas na obra

ou em cartas. Quer, por exemplo, saber o significado de “esquenta-mulher” (termo usado pelo poeta na primeira carta, no ano anterior) e a explicação vem em 2 de janeiro de 1931: “É música de pífanos que tocam com zabumba, caixa (2 ou 3 pífanos). Chamavam esquenta-mulher. Tem marchas especiais para entrar nas cidades”. A carta, com esse trecho assinalado por Mário, vai parar entre os manuscritos do *Dicionário musical brasileiro*, no verbete específico. Pouco depois, no dia 6, foi a hora de Jorge contar com a ajuda de Mário. A percepção de um misticismo nacional característico, visto de passagem no ensaio de 1929, se transformara em objeto de pesquisa. A fim de concretizar esse estudo focalizando a “psicologia religiosa do brasileiro”, Jorge de Lima no “Dia de Reis de 1931” solicita, ao seu correspondente, subsídios sobre “N. S. Aparecida, aí de São Paulo” e pede uma edição das *Visitações do Santo Ofício*.

Essa mesma carta agradece *Remate de males*, livro de Mário que acabara de sair do prelo. Esse novo momento da poesia de Mário trazia como novidade, em alguns grupos de poemas, o exercício de um lirismo sereno, o uso de imagens suaves, mas densas de simbolismo subjetivo, além de uma sensualidade sibilina. Eram versos em tons de azul os “Poemas da amiga” e os “da Negra” confidenciaria Mário em 1934 a Manuel Bandeira. “Eu desejei mesmo um certo olimpismo, uma certa sobrelevação acima dos tumultos terrenos, desprezando o terra-a-terra”<sup>24</sup> Os “Poemas da amiga” produzidos entre 1929 e 1930, são dedicados a Jorge de Lima. “Muito obrigado por tanta bondade” escreve o agraciado.

A essa primeira fase do diálogo entre os dois escritores afinados em seus objetivos, sucede uma outra, posterior a setembro de 1931, quando Jorge de Lima, por situações várias, incluindo um atentado com arma de fogo disparada por um desafeto, se transfere para a antiga Capital Federal do Brasil. Nesse período, a literatura passa a assunto central do diálogo, ainda que, diferentemente da correspondência de Mário com Manuel Bandeira ou com Carlos Drummond de Andrade, bem poucas vezes Jorge e o autor de *Amar, verbo intransitivo* mergulhem no mistério da criação ou se disponham a realizar um trabalho literário a quatro mãos, através da crítica mútua.

Jorge instala seu consultório à rua Alcindo Guanabara, 15-A, 8º andar. O timbre de carta de julho de 1935 situará o local de trabalho na Praça Floriano, 55 11º. Algumas cartas foram escritas no papel timbrado do médico, informando em caixa alta: “Dr. Jorge de Lima/ DOENÇAS INTERNAS — PELLE — SYPHILIS” Em 1939, na resenha do livro de poemas *Túnica inconsútil*, Mário descreve a peculiaridade desse espaço:

23 O *Dicionário musical brasileiro* foi levado a termo por Oneyda Alvarenga e Flávia Toni em 1989 (Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP).  
24 Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, 10.8.1934. ANDRADE, Mário de & BANDEIRA, Manuel. Op. cit., p. 582-3.

25 ANDRADE, Mário de. “A túnica inconsútil” (*O Estado de São Paulo*, 8.I.1939). In: *Vida literária*. Org. Sônia Sachs. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993, p. 6.

26 SENA, Homero. “Vida, opiniões e tendências dos escritores” (*Revista d’O Jornal*, Rio de Janeiro, 29.7.1945). Apud. LIMA, Jorge de. *Poesia completa*. Op.cit, p. 45.

27 No acervo da biblioteca de Mário de Andrade encontram-se dois volumes de *Tempo e eternidade*. No exemplar fechado, a dedicatória dos autores: “A Mário de Andrade/ com um abraço/ de/ Jorge de Lima/ e/ Murilo Mendes”./; no segundo volume: “Exemplar de/ Mário de/ Andrade”

Já muito se comentou, se elogiou e se caçoou sem maldade, dessa espécie de salão literário, que é o escritório médico do poeta. [...] No escritório dele há verdadeiramente duas salas de espera: uma para os clientes da medicina e outra pros clientes da poesia. E, como é de se esperar, esta última sala é bem mais espaçosa e higiênica. A qualquer momento das horas de consulta, há sempre no escritório um doente e um poeta.<sup>25</sup>

Também nos anos 30 ocorre a mudança mais significativa na produção poética e ficcional de Jorge de Lima. Trata-se da passagem da temática regionalizante e da temática negra, que marcara toda a sua primeira fase poética, para a seara mística cristã. A busca do “plano mais elevado” significa para Jorge de Lima restaurar a poesia “em Cristo, que é a mais alta poesia, a mais alta verdade, o nosso destino mesmo [...]” Cristo vale não como “uma tradição regional ou nacional, mas sim a mais humana e universal das tradições, que é a Bíbliaca”<sup>26</sup>. O livro que confirma efetivamente essa “conversão” *Tempo e eternidade*, escrito em parceria com Murilo Mendes é lançado em 1935.<sup>27</sup> Antes, porém, em 1933, a novela *O Anjo* começava a plasmar uma vaga atmosfera surrealista (“suprarrealista”), não obstante Jorge negasse o rótulo que amigos como Gastão Cruis e Rachel de Queiroz atribuíam à sua obra.

*O Anjo* é ponto de tensão na correspondência de Jorge e Mário. Em maio de 1933, Jorge confia a Mário ter escrito uma “novela” que tencionava publicar em tiragem reduzida. Para a edição, desejava um prefácio do amigo... mesmo que a franqueza crítica tivesse que apontar defeitos e momentos fracos na ficção. Mário aceita e, em pouco dias, retorna as folhas com o seu juízo interpretativo. “Prefácio ótimo”, avalia Jorge em 9 de agosto de 1933. “Mas você não gostou” continua. “Por isso não publico. *O Anjo* é mesmo uma merdinha. Não vale a pena! O trabalho que você teve. Tanta coisa perfeita que v. escreveu a propósito de uma porcaria como o meu livro. Já mostrei o prefácio a vários amigos e todos acham um colosso” Em dezembro, contudo, Jorge prepara uma nova versão da novela, corrigindo “certas coisas” e acrescentando um novo capítulo. Calcula que isso talvez abra a perspectiva para uma “modificação” na crítica de Mário, contando ainda que ele corte “um tico de orgulho paulista que exist[ia] num período que você patrioticamente deixou passar”

*O Anjo* sai efetivamente do prelo em 1934 e Mário recebe seu exemplar com a dedicatória “Ao Mário de Andrade amigo,/ compadre e mano./ Um abraço do Jorge./ 16.3.34/ Este é o 1º exemplar/ que me entregaram” Sem o prefácio, porém. O autor explica, em carta de 26 de março, que a exclusão do texto de Mário e de opiniões de outros críticos que deveriam figurar na edição ocorrera

para evitar uma possível pecha de “imodéstia” ao ficcionista.<sup>28</sup> Pede licença para publicar o prefácio na imprensa e o faz, em *O Jornal*, com resultado curioso: o tipógrafo, segundo Jorge, empastela o texto, suprimindo... as “restrições”! Ao que tudo indica, isso desencadeou uma carta severa de Mário de Andrade. Um desses senões apagados foi referido pelo próprio Jorge em carta sem data, mas desse período:

Eu até gostava da sua suposta restrição porque eu não sou mesmo nenhum católico, não tenho mérito para isso, sou um sórdido, não faço coisas católicas que prestem. Por isso você dizendo uma verdade me colocava mais à vontade dentro de minha religiosidade.

Quando, no ano seguinte, o livro recebe o Prêmio Graça Aranha e a editora Globo decide fazer uma segunda edição, Jorge pede novamente licença para inserir o prefácio de Mário.

Me lembro do esbregue que você me deu quando *O Jornal* esculhambou a revisão de seu estudo. Procurei hoje que cansei o original de seu artigo e não encontrei. Tenho ele, não há dúvida, mas está tão bem guardado que é impossível encontrar em poucos dias. Mandai-me pois uma cópia para eu corrigir as provas. Se quiser aumentar, qualquer coisa, mesmo esculhambando ou se arrependendo do juízo, pode fazer.

Não se conhece a resposta, mas a nova edição também não possui prefácio. A solidez da amizade, o respeito mútuo pelo trabalho intelectual e artístico, impedem rompimentos. Parecem não valorizar susceptibilidades. O próprio Mário autorizaria, em 1940, que Jorge “amputasse” algumas linhas de uma crítica enviada ao *Diário de Notícias*, tratando do romance *A mulher ausente*. Resenha que, antes de publicada, recebera o *nihil obstat* do romancista. Jorge fica apreensivo com as supressões e pede, sem demora, “duas linhas de resposta” Mário, em seu zelo de historiador de si e dos outros, temendo que essa carta escrita a lápis, com o tempo se apagasse, deixa um recado ao secretário: “Zé Bento, tire cópia datilografada desta carta pra que não se perca e ajunte com o original”

Em outros momentos, a correspondência historia o envio de *Tempo e eternidade*, *Calunga* (1935), livros com dedicatória no acervo da biblioteca de Mário que devem ter suscitado respostas substanciais que infelizmente não se conhece.<sup>29</sup> Na dedicatória de *Calunga*, Jorge insiste no diálogo crítico: “Mário, vão dois exemplares como você gosta./ Você leu outros livros e não leu T[empo] e

28 Jorge de Lima explica-se na carta de 26.3.1934: “*O Anjo* foi pra mão dos editores e o atropelo de minha vida não permitiu que eu nem ao menos corrigisse as provas. Quem corrigiu foi Aurélio Buarque de Holanda que está aqui vindo de Alagoas. Quando o livro estava composto me avisou então o editor Lincon Nery que havia botado no final do livro a sua crítica e mais um poder delas de amigos [...]. Eu observei que apesar disso ser bom e comercial para a empresa, iria parecer imodéstia minha consentindo nos elogios apensos. O editor não se conformou piorando a coisa pois botou além de tudo uma explicação que redundava em maior elogio a mim, avisava que a inclusão dos artigos era por conta dele. Eu para cortar pela raiz aquela insistência do Lincoln e com a aquiescência de Waldemar Caval-

canti um dos autores de uma das críticas e sem prevenir os demais retirei englobadamente todas, deixando o livro nu.”

29 De acordo com a carta de Jorge de Lima de 31.1.1942, o poeta teria enviado também dois exemplares de *Aventuras de Malasarte*, volumes que não chegaram às mãos de Mário ou não foram conservados pelo escritor.

30 Carta de Jorge de Lima a Mário de Andrade, 24.5.1942.

31 BATISTA, Marta Rossetti & LIMA, Yone Soares de. *Coleção Mário de Andrade. Artes plásticas*. 2ª ed. São Paulo: IEB-USP, 1998, p. 133.

E[ternidade]. Não quer dizer opinião? Se não gosta também de *Calunga* pode falar./ Não desgosto absolutamente./ Um abraço de Jorge 21.8.35”

Há nesse período carioca e católico das cartas de Jorge um potencial biográfico muito valioso. Em março de 1937, o médico escritor encontra-se às voltas com a eleição para a Academia Brasileira de Letras, casa para a qual, apesar de algumas tentativas (e mérito para tanto) nunca foi aceito. Em janeiro de 1942, tendo sofrido um acidente em que o “automóvel ficou reduzido a ossos de minhoca” embala em um relato testemunhal as outras vezes em que esteve próximo da morte:

Agora fazendo outro balanço: já afundei dentro de um automóvel, na foz do Rio Santo Antonio Grande, já levei tiros duas vezes e agora fui projetado a oito metros fora do meu carro, sobre a lama, numa praça pública inundada pela enxurrada. Que me falta acontecer? fico desconfiado desta minha vida tenaz.

Nesse mesmo 1942, em maio, incumbe Mário da entrega de duas telas suas para a exposição no VII Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos que, naquele ano, abria uma “Sala dos Intelectuais”<sup>30</sup>, destinada aos *Violons d’Ingres*. A coleção de arte de Mário, aliás, exhibe dois bonitos guaches de Jorge de Lima. *Iemanjá*, em tons de verde e rosa, traz a dedicatória “Ao Mário de Andrade lembrança de Jorge de Lima”; os mesmos dizeres, acrescido da data 1942, estão também em *Duas mulheres e violino*, figuração em matizes de azul.<sup>31</sup> São composições explorando, na esfera do desenho primitivista, o simbólico e o mundo onírico.

Na correspondência Mário e Jorge, as expressões de amizade são visíveis na própria forma de tratamento. Na carta de 24 de dezembro de 1933, Mário chama o seu interlocutor (nascido, como ele próprio, em 1893) de “São Jorge” No bilhete de 15 de maio de 1938, Jorge trata o amigo de “Marinho” A carta escrita em 1933 mostra-se como uma das mais carinhosas entre aquelas que Mário dirigiu a um amigo homem:

Estou com saudade de você, Jorge. Agora escrevendo é que eu comecei reparando nisso. É curioso como você é impregnante, não sei se me explico bem. Sua presença me faz um bem danado e eu carecia dela mais. Falarmos, ou não falarmos, é curioso como nem existe a precisão de conversa, mesmo fiada, na maneira com que eu quero bem você. Como não se trata de amor, dois possivelmente feios, fico meio absorto, com vontade de meter regras de estética no caso. Você não é o que se chama de ho-

mem bonito, mas deve haver na sua fala, nos seus traços físicos e também na alma sua, elementos de prazer descansado, que me fazem enormemente bem.<sup>32</sup>

### Um mundo de contradições

Quando, em 1939, Jorge de Lima publica uma coletânea de poemas seus traduzidos para o espanhol por Torres Oliveros e Arrechavaleta, com prefácio de Georges Bernanos, Mário de Andrade que, então, exercia a crítica literária profissional no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, não deixa de focalizar o livro entre as novidades editoriais. Ao enfeixar poetas de grandezas diversas na resenha de 5 de novembro, constata a pobreza imagética e a linguagem descurada de alguns escritores contemporâneos. Toma, então, Ascenso Ferreira e Jorge de Lima como contraponto desse lirismo pobre, como baluartes da excelência poética. Essa resenha, mesmo não se prestando a “estudar um tão grande poeta como o sr. Jorge de Lima” desvenda, tangencialmente, algumas das concepções críticas de Mário sobre a poesia limiana. Citando dois versos tomados do livro ao acaso — “(Oh, ingênuas muchachas de mi tierra:/ Si quereis ver el enorme edificio frente al mar, venid!)” —, Mário certifica-se de poder entrar, com eles, “violentamente, insofismavelmente na floresta funda da poesia” O que se segue é uma tentativa de mondar os contornos desse lirismo: “Pura escolha livremente lírica, puro antilogismo antiprosaico, pura definição intuitiva, anti-científica ao mais não poder, evocativa, sugestiva, adivinhadora, a que a beleza do dizer se ajusta admiravelmente” Nos dois versos de Jorge, o resenhista se defronta com “a força de mistério, de verdade, de humanidade, de vaticínio”<sup>33</sup>

Poucas vezes, o autor de *Empalhador de passarinho* se detivera, em periódicos, no estudo da poesia de Jorge de Lima. Em algumas ocasiões, em resenhas nessa mesma coluna da “Vida Literária” lembrara-se dos versos do amigo. Em 2 de julho de 1939, por exemplo, analisando, em “A fábrica dos fantasmas” *Poesia de Jorge de Lima*, o livro do português Manuel Anselmo, Mário assevera que o ensaísta não lograra esgotar a dimensão de grandeza poética de Jorge de Lima que, “pelo seu alto valor e pelos problemas que desperta a sua personalidade”<sup>34</sup> merecia um ensaio monográfico mais consistente.

Se, em abril do ano seguinte, ao analisar os *Poemas* de Adalgisa Nery, Mário pontua nessa expressão lírica feminina, certas soluções originais, plasmadas em imagens “mais ou menos” bíblicas, “surrealistamente apocalípticas” e “desligada[s] da inteligência lógica” — formulações, enfim, “admiravelmente

32 ANDRADE, Mário de. *71 cartas de Mário de Andrade*. Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. Rio de Janeiro: São José [1968].

33 ANDRADE, Mário de. “Vários poetas” (*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 5.II.1939). In: *Vida literária*. Op. cit., p. 124.

34 ANDRADE, Mário de. “Fábrica de fantasmas” (*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 2.7.1939). In: *Vida literária*. Op. cit., p. 72.

35 ANDRADE, Mário de.  
 “A mulher ausente”  
 (21.4.1940). In: *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins Fontes, 1972, p. 228.

36 ANDRADE, Mário de.  
 “A volta do condor”  
 (*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 30.6.1940). In: *Vida literária*. Op. cit., p. 222.

37 CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade, exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 222.

38 Carta de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa, 16-17.4.1940. *Querida Henriqueta. Cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990. p.15.

39 Moacir Medeiros de Sant’Ana, em sua *Bibliografia anotada de Jorge de Lima (1915-1993)*. Rio de Janeiro: FCRB/ Ministério da Cultura, 1994) informa também que, em 19.2.1928, o *Jornal de Alagoas* publicou trechos de um crítica de Mário de Andrade ao livro *Poemas* de Jorge de Lima.

firmadas” por Murilo Mendes e Jorge de Lima<sup>35</sup> —, em outra resenha, em junho, já lhe será possível a percepção de aspectos espinhosos dessa produção vincada pelo surrealismo. De acordo com Mário, toda essa vertente católica da poesia que surgia como antípoda da linguagem “rés-do-chão” dos anos 20, acabara por formular uma dicção eloqüente, altissonante. Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt e Jorge de Lima (este assinalado por sua “religiosidade bíblica” e “proselitismo inato”<sup>36</sup>), que haviam desenvolvido essa arte de forma “fatal” e “admirável” tinham também aberto a porta para uma degradada poesia “condoreira” a qual era preciso combater.

Menções esparsas na vasta correspondência de Mário de Andrade podem, igualmente, fornecer elementos para se compor uma visão crítica específica da poesia de Jorge de Lima, bem como explicitar os traços de uma admiração. São, entretanto, peças de um *puzzle* a ser montado. Peças pequenas, é verdade, mas certamente não desprezíveis para se delinear o diálogo intelectual e artístico entre os dois escritores. *Verbi gratia*: é possível saber que Mário, em matéria de poesia, se considerava “taco-a-taco” com o amigo, como confessa ao jovem jornalista Moacir Werneck de Castro, em 31 de agosto de 1944, quando comenta a *Antologia de poetas contemporâneos latino-americanos*, na qual muitos nomes, entre os quais o seu próprio, haviam sido preteridos.<sup>37</sup> Pode-se reconhecer ainda, em carta à poetisa Henriqueta Lisboa, em abril de 1940, um elenco de aspectos da poesia de Jorge de Lima. Nessa missiva, Mário destaca no poema “Ausência do Anjo” que a professora mineira lhe havia remetido, a “técnica de ajuntamento enumerativo de imagens-símbolos inesperados, em que o moderno se acotela com o bíblico”<sup>38</sup>, marca da poética do criador de Mira-Celi.

Somente na crítica ao livro *A túnica inconsútil*, publicada em *O Estado de São Paulo*, em 8 de janeiro de 1939, Mário realiza, com mais vagar e de forma mais orgânica, uma explanação dos valores da poesia de Jorge de Lima<sup>39</sup>. Este lhe enviara dois exemplares do livro, em agosto e setembro de 1938, com dedicatórias sempre calorosas: Mário, para ele, era o “queridíssimo” o “verdadeiro amigo”<sup>40</sup>. Para o crítico, na resenha “A túnica inconsútil” o companheiro de ofício literário podia ser considerado um “grande poeta brasileiro” Essa importância não suprimia, contudo, o germe problematizador, na medida que Jorge era também “um mundo de contradições por explicar e de dificuldades a resolver”.<sup>41</sup> Para Mário, Jorge de Lima havia conseguido “converter defeitos gerais em qualidades particulares ou descoberto o aspecto favorável e útil dos perigos” Assim, se o “academismo” e a “falta de invenção poética” podiam ser tomados como traços negativos na estética moderna, na obra de Jorge, trans-

formavam-se em valores distintivos de sua lírica. O academismo transmutava-se em “obediência ativa ao cânone” e a parca invenção — as fontes de inspiração do poeta poderiam ser detectáveis, seja na Bíblia ou em outro poema brasileiro — era suprida pela grande imaginação (definida pelo crítico como algo próximo à “sensibilidade”). Se para Mário, Jorge também era “pouco sensível” aos problemas da sonoridade, não se dava o mesmo em relação aos ritmos. Nuanças de interpretação, enfim, que se esforça por explicitar. O princípio norteador dessa poesia era a “prudência” tomada, é claro, como uma qualidade.

Essa visão interpretativa um tanto refinada em sua vontade de perceber meios tons, somada ao elogio ao “academismo” desaguaram no julgamento global negativo de Mário sobre a própria crítica. Em 1944, relendo o artigo que havia conservado, colando-o em uma folha de papel pardo, Mário repudia o seu pressuposto. Escreve em dois locais da folha: “Porcaria./Não presta”; “É porcaria este artigo” Uma terceira anotação justifica a opinião tão severa: “[...] qualquer sombra de academismo, até/ as apontadas aqui, eu detesto e abomino. 1944”<sup>42</sup> Não se deve esquecer que o pensamento estético de Mário, na última quadra de sua vida, toma por diapasão a arte engajada contra as ideologias acomodáticas ou nazi-fascistas, perceptíveis entre os intelectuais brasileiros, durante a Segunda Guerra Mundial. Impossível, assim, para o crítico, nesse momento, sobrepor qualquer esteticismo formal ao conteúdo combativo da arte.

Mário de Andrade também dedica três textos de crítica aos livros de ficção de Jorge de Lima. Entre eles, o prefácio não incluído nas edições de *O Anjo*, publicado “à revelia” do autor, em *O Jornal*, em 1934, no Rio de Janeiro<sup>43</sup>; os outros dois, abordando o romance *A mulher obscura* (1939), foram estampados no *Diário de Notícias*. Em outro âmbito artístico, não se pode deixar de mencionar a crônica “Fantasias de um poeta” em que Mário divulga algumas fotomontagens de Jorge de Lima no Suplemento em *Rotogravura* de *O Estado de São Paulo*, na primeira quinzena de novembro de 1939. Somente em 1943, a experiência do artista, nesse terreno, estará no álbum *Pintura em pânico*, em pequena tiragem de 250 exemplares, com prefácio de Murilo Mendes.

Fotomontagem é o método de criação plástica em que o artista, a partir de figuras recortadas e cromos previamente selecionados, cria uma nova imagem, justapondo essas peças e reproduzindo-a em fotografia. Mário vê a fotomontagem como um “processo de criação lírica” revelador de estados mentais inconscientes ou de percepções culturais. A fatura final inusitada — surrealista — dessa arte que na Europa seduzira o pintor dadaísta Max Ernst, também fascinou Jorge de Lima. O cronista reconhecia, entre as fotomontagens que lhe

40 No primeiro exemplar de *A túnica inconsútil* (Guanabara: Cooperativa Cultural, [1938]), que permaneceu fechado, se lê: “Ao verdadeiro amigo/ — o ótimo Mário de/ Andrade/ oferece o/ Jorge de Lima/ 23.8.38”. No outro volume, dedicatória diferente: “Ao queridíssimo/ Mário/ off./ o Jorge/ 2.9.38”. Como se sabe, o zelo bibliófilo de Mário exigia um exemplar para manter intocado e outro para o trabalho de anotação do leitor.

41 ANDRADE, Mário de. “A túnica inconsútil” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8.I.1939). In: *Vida literária*, op. cit., p. 6-10.

42 Documento presente na Série Manuscritos de Mário de Andrade no Arquivo do escritor, no IEB-USP.

43 No próprio artigo “O Anjo, de Jorge de Lima” conservado no Arquivo Mário de Andrade.

44 “Fantasias de um poeta” In: ANDRADE, Mário de. *Será o Benedi-*

to!. São Paulo: EDUC/  
Giordano/ESTADO,  
1992. O conjunto de  
onze fotomontagens de  
Jorge de Lima pertence  
ao Arquivo Mário de  
Andrade, algumas com  
“legendas” do autor.

45 A dificuldade de se  
compreender integral-  
mente o pensamento de  
Mário de Andrade tam-  
bém se deve ao empas-  
telamento e supressões  
sofridos pelo texto na  
publicação jornalística.

46 “O Anjo, de Jorge de  
Lima” Rio de Janeiro,  
*O Jornal*, 8.4.1934.  
(Arquivo Mário de An-  
drade, IEB-USP).

47 Mário de Andrade  
conservou no acervo de  
sua biblioteca dois  
exemplares de *A mulher  
obscura* (Rio de Janeiro:  
José Olympio, 1939).

O primeiro traz dedica-  
tória a tinta, na página  
de ante-rostro: “Ao meu  
queridissimo/ Mario de  
Andrade,/ com o abra-  
ço/ fraternal/ Jorge de  
Lima,/ 19.12.39” O  
outro volume, sem de-  
dicatória, permaneceu  
fechado.

foram enviadas, algumas “admiráveis” reproduzindo três para ilustrar o seu texto. Ao interpretar uma delas, onde se percebe a figura de Cristo crucificado, fantasmagoricamente desaparecendo em um conjunto de montanhas áridas, Mário sinaliza o “temperamento místico e profundamente compassivo do poeta” Assim, a fotomontagem e a poesia seriam para Jorge de Lima formas diversas de expressão de uma mesma sensibilidade mística.<sup>44</sup>

A observação da religiosidade na obra ficcional de Jorge de Lima também organiza as críticas de Mário de Andrade aos livros *O Anjo* e *A mulher obscura*. No “prefácio” a *O Anjo*, em uma linguagem crítica densa e plena de filigranas interpretativas<sup>45</sup>, o crítico define o livro como a expressão do “desespero” determinando o “suicídio” — uma forma de evasão. Essa novela, sob essa ótica, é o escorpião encalacrado ou a “bala no ouvido” que traduzem o sentimento de insatisfação do homem em face da Verdade estilhaçada, bem como a percepção da clivagem irreconciliável do Ser. O “suicídio” segundo Mário, também acusa-se no romancista violando o “limite existencial” do Catolicismo, ao converter a divindade (Deus) em um mero espectador do “nosso joguinho terrestre” Deixa transparecer o seu “mal-estar” diante do assunto:

Jorge de Lima [...] atinge a culminância daquele abuso de religião que já praticara bastante. Jorge de Lima sempre abusou do Catolicismo. Abusou num ensaio que andou publicando na *Ordem*, quando absolutamente não é dos católicos de ordem. Abusou em principal nos seus numerosos versos de derivação católica. Mas o abuso de que falo, não está no emprego largo do Catolicismo, e sim no convertê-lo a uma violenta intimidade de pijama. Nessa perspectiva, o “espezinhar acaçapante da religião” transmudaria Jorge no “ateu... de dentro do catolicismo”<sup>46</sup>.

Em “A mulher obscura I” artigo na coluna “Vida literária” de 21 de janeiro de 1939, Mário também localiza o tema da transcendência<sup>47</sup>. No romance, a personagem Fernando busca angustiadamente o completamento de si em três mulheres de psicologia diversas. Nessa demanda, o “amor entre os sexos” na interpretação do crítico, figuraria como “uma expressão terrestre, insatisfatória, jamais completada, da Caridade, em seu conceito cristão.” O romance, assim, parecia afirmar que “Nós só nos unificaremos e pacificaremos em Deus”<sup>48</sup>. Para Mário de Andrade, o ponto fraco do romance situa-se na “falta de unidade” Se, n’*O Anjo*, reconhecia o tom lírico dominando a ficção harmonicamen-  
te<sup>49</sup>, se, em *Calunga*, constatava o vigor da prosa, n’*A mulher obscura* as diferen-  
ças de tonalidade narrativa prejudicavam o conjunto, pois o prosaico e o poético

iam “brigando até o fim do livro” Nesse romance, o “homem de idéias organizadas em sistema” lutava “com um poeta muito impositivo”

Tensões. No artigo seguinte, “A mulher obscura II” Mário de Andrade torna público, a pedido de Jorge de Lima, o longo trecho de um estudo de J. Fernando Carneiro sobre o romance, excerto no qual o ensaísta defendia a variabilidade estratégica no tom do enredo. Mário, entretanto, no final do artigo, ainda tenta fazer valer — cordialmente — a sua opinião primeira. Não estava convencido, mas “isto importa pouco”.<sup>50</sup> Jorge impunha suas vontades, seja eliminando trechos do primeiro artigo<sup>51</sup>, seja pedindo a divulgação do estudo de J. F. Carneiro, que parecia de encomenda para a defesa da unidade de *A mulher obscura*. “Ah, esse nosso Jorge... fiquei gozadíssimo” dá de ombros Mário de Andrade, em carta a Murilo Miranda.<sup>52</sup>

As divergências entre Mário e Jorge, contudo, não impedem o juízo de admiração encontrado no final desse artigo. Para o crítico do *Diário de Notícias*, *A mulher obscura* servia para situar Jorge de Lima como “caso raro de um artista que tem uma concepção própria das formas essenciais do ser e da vida; o caso raríssimo de um poeta que tem pensamento pessoal e escreve, destinado por uma idéia” Nessa trilha de afinidades mais gerais, as susceptibilidades ou arrufos não ganham vulto. Existem, apenas. Mário de Andrade via em Jorge aquele que cumpria o seu papel de intelectual num país onde a maioria dos intelectuais(!) vive no desrespeito ignaro de sua própria inteligência, uns fazendo arte, nem mesmo pela arte, mas pelo, apenas, sucesso diletante de seus nomes, e outros, abusivamente escravizados à epiderme de umas teses sociais mal compreendidas, isso me parece o mais feliz elogio que se deva fazer a Jorge de Lima<sup>53</sup>

---

**Marcos Antonio Moraes** é professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo e membro da Equipe Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Organizador da *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira* [EDUSP/ IEB, 2000].

48 ANDRADE, Mário de. “A mulher obscura — I” (*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 21.I.1940). In: *Vida literária*, op. cit., p. 145-8.

49 No artigo “O anjo, de Jorge de Lima” (op. cit.), Mário assegura: “Jorge de Lima escreveu em cinco tardes este poema que ele chama de novela”

50 “A mulher obscura — II” (*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28.I.1940). In: ANDRADE, Mário de. *Vida literária*. Op. cit., p. 151.

51 Carta de 11.I.1940. In: ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda, 1934/1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 54.

52 Carta de 18.I.1940. ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda, 1934/1945*. Op. cit., p. 57.

53 “A mulher obscura II” Op. cit., p. 151-2



